AGRONEGÓCIO

BÁRBARA LIMA/ ESPECIAL/ JC

Associação do setor tem registrado aumento de produção na última década

Da uva ao vinho, cria-se uma nova agricultura

Fronteira Oeste e Campanha agregam produção de vinícolas

Eduardo Torres
economia@jornaldocomercio.com.br

Há mais de 150 anos, a primeira vinícola registrada no Brasil ficava na Campanha. Fundada por José Marimon, a vinícola J. Marimon & Filhos iniciou o plantio dos seus vinhedos em 1882, na Quinta do Seival, no atual município de Candiota. Os vinhos de mesa que saíam dali eram exportados principalmente para os países do Prata e também, claro, eram vendidos para o restante do Brasil.

Mas o que pode parecer ultrapassado é o símbolo de uma nova roupagem ao campo entre a Campanha e a Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, que agrega a produção, a industrialização e um imenso pacote de serviços como o turismo e a hotelaria. A partir do começo dos anos 2000, os produtores de uvas e vinhos voltaram a olhar para a região com grande potencial produtivo.

Em 2010, foi criada a Associação Vinhos da Campanha. Dez anos depois, a região teve reconhecida a Indicação Geográfica da Campanha Gaúcha, que representa 4,1 milhões de hectares entre 14 municípios. Em Santana do Livramento, por exemplo, está a terceira maior área plantada de uva irrigada para a indústria.

"Hoje, temos grande relevância nacional. Nossa importância no mercado, em relação a regiões produtivas no Brasil, fica atrás somente da Serra Gaúcha", explica o presidente da Associação Vinhos da Campanha, Pedro Candelária.

A Campanha é a indicação geográfica com a maior quantidade de rótulos reconhecidos – 267 vinhos – e com 5 milhões de litros de vinho aprovados para receberem o selo de Vinho da Campanha desde 2020, entre as 19 vinícolas associadas.

Conforme Candelária, o clima na Campanha é bastante propício para a diversificação rural, em especial a produção de frutas, como a uva. "Apesar de ter sido a primeira região produtora de vinhos no Brasil, só há 23 anos entrou, de fato, no mundo dos vinhos, então o potencial é muito grande e o processo atual ainda é de estruturação da produção e de tudo o que agregamos a ela", aponta o presidente.

Ele se refere, especialmente, ao enoturismo. Atualmente, algumas propriedades e vinhedos já recebem turistas e ainda não estruturaram as suas vinícolas próprias, por exemplo. Já há duas rotas organizadas a partir de uma parceria com o Sebrae e que, como salienta o dirigente, aos poucos estimulam melhorias na rede hoteleira e de restaurantes na região.

É o caso da Campos de Cima, vinícola localizada em Itaqui, na Fronteira Oeste, administrada por Candelária, que é português, com a esposa, Manuela, e suas irmãs, Hortência e Vanessa Ayub. Há 20 anos a propriedade da família dela iniciou os vinhedos e, há 11, a partir de um financiamento, foi estruturada a vinícola naquela área. "Foi a partir da vinícola que passamos a receber gente do mundo todo e percebemos que é necessário melhorar a infraestrutura para esses turistas", garante.

Principais produtores de vinho na Campanha

- Miolo
- Campos de Cima
- Guatambu
- Batalha
- Bueno
- Peruzzo
- Cordilheira de Santana

Pesca em Rio Grande e Pelotas mira no mercado internacional

A indústria da pesca já ocupou lugar de protagonismo na economia regional. Hoje, tendo reduzido a sua presença de 25 para oito indústrias ativas, como salienta o presidente do Sindipesca, Torquato Pontes Neto, diminuiu sua importância econômica, mas consolida uma nova posição como exportadora e importante geradora de empregos.

A indústria da pesca gaúcha hoje acumula faturamento de até R$ 900 milhões por ano. A estimativa é de que pelo menos 2,5 mil pessoas sejam empregadas na indústria pesqueira concentrada sobretudo em Rio Grande e Pelotas. Indiretamente, quando é considerada toda a atividade pesqueira, chegam a 5 mil trabalhadores.

Proprietário de uma dessas indústrias, Pontes Neto explica que entre 40% e 48% da produção hoje é destinada à exportação, mesmo com as portas fechadas do pescado brasileiro para o mercado europeu desde 2018.

É resultado de uma recuperação de mercado gradual após a grande perda, por falta de isonomia fiscal, já corrigida nos últimos anos, em relação aos pesqueiros catarinenses.